

Data: 03.07.2020

Título: "Os futebolistas só têm de avançar para campo e jogar, esforçando-se por marcar..."

Pub: **A BOLA**

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 16;17

«Em cada mil pessoas, sabemos que 60 estão inscritas em federações e nada sabemos das restantes 940», diz Ana Santos, que vinca que, de acordo com o Conselho Europeu, «desporto é toda a a



ANA SANTOS

Área: 1588cm² / 84%

FOTO Tiragem: 128.080

Cores: 4 Cores

ID: 6886617

atividade física»

ANDRÉ ALVES/ASF

Os futebolistas só têm de avançar para campo e jogar, esforçando-se por marcar golos e fazerem os jogadores sorrir»



Socióloga e antropóloga, a docente e investigadora na Faculdade de Motricidade Humana de Lisboa analisa os efeitos da pandemia na vivência desportiva. Entende a doença como uma janela de oportunidade para a atividade física e constata os prejuízos na competição, que só o futebol profissional parece conseguir estancar.

entrevista de
GABRIELA MELO

DIZER-SE que a pandemia mudou a nossa vivência em sociedade tornou-se um chavão. Partindo do desporto, tem constatado alterações?

— Antes de mais, teremos de nos centrar na definição de desporto. De acordo com o Conselho Europeu é toda a atividade física; para as estatísticas, só contam os federados e são cerca de 670 mil, aproximadamente 6,3% da população portuguesa. Em geral, quando falamos em desporto, subentendemos que se trata do federado. Em cada mil pessoas, sabemos que 60 estão inscritas em federações e nada sabemos das restantes 940. Com a pandemia, a atividade física das pessoas aumentou muito, ao contrário do que se pensava, mas não há dados. No entanto, nunca se tinha visto tantas famílias interessadas em fazer alguma atividade, quer fosse andar a pé ou de bicicleta.

— De repente, as pessoas descobriram o desporto?

— Fechadas em casa tanto tempo, descobriram que a atividade física é essencial. Quem estava e con-

tinua a estar em teletrabalho, tem muita necessidade de fazer exercício físico, o que motivou até a descoberta de novas aplicações que orientam essa prática. Há aqui uma janela de oportunidade para as entidades proporcionarem condições à continuidade desta atividade física, nomeadamente melhor segurança a quem queira deslocar-se para o trabalho de bicicleta ou a quem deseje fazer percursos a pé, por exemplo.

— **À semelhança das grandes cidades europeias?**

— Neste momento, seja para aumentar a segurança dos ciclistas, seja para aumentar a distância social nos passeios, as cidades estão a tirar uma faixa de rodagem aos automóveis. Oferecem formas de deslocação alternativas que as pessoas agradecem porque lhes permite fazer exercício físico e, ao mesmo tempo, manter as cidades com um ar limpo. Todo o planeamento das cidades tem vindo a evoluir neste sentido — tivemos as *green cities*, as *smart cities* e agora as *wise cities*. Já não se focam no ambiente, na tecnologia, mas, sim, nas pessoas, nomeadamente nos mais jovens e nos velhos. O espaço da cidade, bem planeado, tendo a qualidade de vida das pessoas como foco, pode ser um *grande ginásio ao ar livre*.

— **Haverá agora maior preocupação com o corpo?**

— Centramo-nos no nosso corpo devido à pandemia. Quando olhamos à volta e nos deparamos com um problema que nos ultrapassa porque não o entendemos, a tendência é o foco no nosso corpo, que julgamos entender e conhecer. Este foco no corpo é algo mais individualista — cada um a pensar em si, naquilo que pode salvar num tempo de ameaça. Por isso, esta atividade física promovida pelo confinamento não é bem um culto do corpo. Está relacionada com um sentimento de salvação, uma nova forma de ascese. Para mais, quando o desemprego vinga numa família, a preocupação não é a atividade física, mas, sim, a sobrevivência económica.

— **Nestes tempos de pandemia, os desportos e as atividades de ar livre também estão em vantagem...**

— Quando falamos de desporto de competição, a diversidade de modalidades é grande. E mesmo no interior de cada uma há realidades distintas — não se pode comparar



CARLOS FERREIRA

“O desporto de primeira página de jornal não me preocupa porque estes jogadores têm ordenados que ultrapassam muito os de qualquer outro atleta

o futebol de formação das vilas com as academias, por exemplo. E entre atletas os seus estatutos também variam, em função dos resultados nas competições. Quem tinha estatuto de atleta de alto rendimento, está confinado, treina como pode, mas não perde a bolsa. O pior é para quem estava a lutar para o conseguir porque, sem competições, não pontua. Uma modalidade com maior contacto físico, como é o judo, por exemplo, é diferente do ciclismo de estrada, que julgo nem sequer ter parado porque este tipo de treino era permitido durante o confinamento. As atividades de ar livre, como o surf e mesmo a vela, não têm problema.

— **E o desporto feminino poderá sofrer um retrocesso?**

— Qualquer desporto, modalidade de competição, que envolva con-

tacto físico terá dificuldade nestes próximos tempos, seja feminino ou masculino. Estas modalidades têm de fazer um grande esforço de reinvenção até que todo este problema tenha solução. Difícil mesmo é a vida dos atletas que têm treinado muito para aceder ao estatuto de alto rendimento. Com todas as competições suspensas não têm meio de pontuar, de afirmar o seu mérito desportivo, logo ficam fora dos projetos desportivos de alta competição e respetivas bolsas. Mesmo modalidades como basquetebol, andebol ou o futsal têm o problema do contacto e terão sempre de ter muito cuidado com as relações sociais para jogarem em segurança.

FUTEBOL DA LIGA NO FIM DA LISTA

— **Estamos a falar de modalidades amadoras... E como se enquadra o desporto profissional?**

— O futebol da Liga ficaria em último se tivesse de fazer uma lista de preocupações ligadas às necessidades dos atletas e jogadores das várias modalidades. O futebol profissional representa apenas 0,07 por cento da população portuguesa. O desporto de primeira página de jornal não me preocupa porque estes jogadores têm ordenados que ultrapassam, em muito, os de qualquer outro atleta e têm acompanhamento médico de topo. Podem fazer um tempo de estágio, longe das famílias, enquanto dura o fim do campeonato. Com as condições que têm, quer materiais quer de assistência médica, quer ainda de remuneração, só têm é de jogar. A situação das outras modalidades é mais preocupante porque não têm as mesmas condições económicas de suporte. Sem esquecer as dificuldades pelos quais passam, neste momento, os escalões de formação.

— **Fala dos futebolistas de topo como se fossem mimados...**

— Confesso que fiquei chocado com algumas declarações. Qual o problema de ficarem confinados

durante um mês para realizarem o resto do quadro competitivo em segurança? Tivemos profissionais de saúde a arriscar a vida nos hospitais, muitos isolados das famílias, para não ficarem em risco. Tivemos os trabalhadores dos supermercados a arriscar para que nada nos faltasse. É duro ouvir esses meninos a queixarem-se. A maior parte não o fará, até porque terá consciência que, neste tempo, a sua heroicidade não se resume apenas a marcar golos, mas antes a mostrar que são líderes do desconfinamento, exemplares a fazer levantar um povo que economicamente levou um enorme safanão. É uma questão de solidariedade nacional. O futebol é uma indústria que se paga a si própria, com ordenados que permitem tudo e mais alguma coisa. Os futebolistas só têm de avançar para campo e jogar, esforçando-se por marcar golos bonitos que nos façam sorrir.

— São um mundo à parte?

— Os futebolistas de topo são um mundo à parte, como o são os profissionais de topo do mundo empresarial. Mas todos, sem exceção, têm de pensar no bem-estar das famílias que perderam o rendimento — neste caso concreto nos atletas e jogadores que terão de desistir de um sonho porque as famílias não têm condições económicas que lhes permitam treinar. A maior parte dos desportos dos escalões de formação são patrocinados pelas famílias dos jogadores e atletas. Como podem as famílias continuar a fazê-lo se vivem em condição de precariedade?

— Os jogadores lamentam ainda a falta de público nos estádios devido à pandemia...

— Qualquer espetáculo desportivo se caracteriza pela multidão que mobiliza. A multidão é essencial porque é nela que reside a emoção do espetáculo desportivo. A ausência de moldura humana retira à transmissão do jogo a emoção: o que anima o es-

tádio quando há um golo é a reação da multidão. A gente que enche um estádio, um pavilhão, não é uma entidade anónima, é uma comunidade — nós, portugueses, quando jogamos contra outra nação; nós, benfiquistas, sportinguista ou portistas, quando jogamos contra outro clube... Estas comunidades dão conta da sua existência quando se encontram para assistir a um desafio. Estas multidões são a energia emocional de um jogo que, via televisão, se transmite ao espectador.

— Os adeptos vão sentir a falta dos jogos nos estádios?

— Um jogo de futebol é um tempo de descontrolo controlado de emoções. O descontrolo é, na maior parte das vezes, verbal e gestual. Mas é um descontrolo controlado no tempo, porque é aquela hora, naquele espaço, naquele estádio. Quando os adeptos vão ao estádio é como se fizessem um parêntesis nas suas vidas durante o tempo do jogo. Suspendemos as nossas preocupações. Só mesmo a competição desportiva oferece um descontrolo emocional e, por isso, chorámos de tristeza quando Portugal perdeu com a Grécia na final do Euro-2004 e de alegria quando venceu a França no Euro-2016. O futebol tem esta graça de inverter hierarquias. É uma indústria florescente, vive por conta das emoções e se é a multidão que a representa, então é natural toda essa preocupação com os estádios vazios.

— Neste momento, as pessoas veem futebol pela televisão. Poderemos assistir a uma mudança de paradigma no desporto para o futuro?

— Julgo que a multidão voltará ao estádio mal a Covid-19 tenha solução. A tendência será aumentar cada vez mais a presença da realidade virtual ou realidade aumentada, oferecendo aos espectadores maiores sensações de experiência de jogo. Os adeptos terão cada vez mais e melhor qualida-

de de participação no espetáculo do qual sempre fizeram parte.

— Há o perigo de os desportos de pavilhão se ressentirem no futuro em termos de valorização social por estarem mais associados negativamente à pandemia?

— Os desportos de pavilhão vão recuperar como todos os outros. Apenas a reinvenção, ao nível do uso das novas tecnologias, como a realidade aumentada, demorará mais porque não é uma indústria tão rentável quanto o futebol. Vivemos o momento histórico que nos apanhou a todos de surpresa. Esta é a primeira de outras pandemias, mas da próxima já saberemos melhor como atuar, já saberemos coordenar o confinar com a necessidade de manter os postos de trabalho, de manter a fonte de rendimento económico das famílias, principais patrocinadores de praticamente todas as modalidades, nos escalões de formação.



CARLOS FERREIRA

“
Fiquei chocada com algumas declarações. Qual o problema de ficarem confinados um mês? É duro ouvir esses meninos queixarem-se

Crescimento do desporto

Data: 03.07.2020

Titulo: "Os futebolistas só têm de avançar para campo e jogar, esforçando-se por marcar..."

Pub: 

 QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 16;17

eletrónico

→ ***Pandemia favoreceu a opção pelos eGames; a «substituição dos corpos por avatares»***

O crescimento do desporto eletrónico, o chamado eSport, é outra das tendências associadas à pandemia. «Ao nível dos jovens, com acesso a tecnologias, foram grandes as noitadas em eGames», constata Ana Santos, antropóloga e socióloga, docente na Faculdade de Motricidade Humana de Lisboa.

Uma opção incentivada pelos próprios desportistas que, fechados em casa, também usaram estas plataformas para promover as suas atividades.

«O eSport vai dar sequência ao desporto tradicional. Temos vindo a assistir a um certo fechamento, que é chocante. Estamos a substituir os nossos corpos por avatares, uma violência simbólica, tal como todo o excesso verbal no espetáculo ao vivo. Mas a lógica é a mesma. É uma forma de nos civilizarmos nos nossos comportamentos e de nos darmos conta como

comunidade. Exceto nesses momentos, nunca pensamos em sermos portugueses», explica a docente auxiliar, que investiga esta área no âmbito do Centro em Rede de Investigação em Antropologia.

Apesar do efeito transversal da pandemia, Ana Santos admite que não deverá alterar a tendência para a «individualização de estilos de vida» e para «uma sociabilização masculina». Tal como «sucedeu ao desporto no início do século, as miúdas estão a ficar para trás».

Área: 1588cm² / 84%

Tiragem: 128.080

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6886617